

DC na sala
de aula



Escolas
combatem
a violência

Página 12

DIÁRIO CATARINENSE QUARTA-FEIRA, 29 DE ABRIL DE 2009



Andressa e Igor estão estudando as mudanças na Escola Celso Ramos, em Joaçaba

Nossa nova ortografia

REGRAS EM VIGOR DESDE JANEIRO ENVOLVEM ALUNOS E PROFESSORES

O acordo ortográfico, assinado pelos países de língua portuguesa e em vigor no Brasil desde o dia 1º de janeiro deste ano, está mudando a rotina de alunos e professores das escolas públicas de Santa Catarina. Embora ainda persistam, as discussões sobre a validade das mudanças vão ficando

para trás, sendo substituídas pela assimilação das novas regras, que todos deverão ter conhecimento até 2012, quando a forma antiga deixará de ser tolerada em trabalhos e provas. Docentes de instituições de ensino do Meio-Oeste preparam os estudantes para as mudanças desde o ano passado. Para

facilitar o entendimento também foram derrubadas barreiras entre as disciplinas, e a história e a geografia se uniram em sala de aula para ajudar no bom português das crianças. Entre as professoras já é consenso: quem levar a sério as novas regras aprenderá em pouco tempo. **Páginas 6 e 7**

Editorial

Reformar é fácil. Este é o título da reportagem principal desta edição, como você poderá ler nas páginas centrais. Ele se refere à pauta sobre como a reforma ortográfica, em vigor desde 1º de janeiro, está sendo trabalhada nas escolas. Mas o título bem que poderia se referir às mudanças visuais introduzidas pelo novo projeto gráfico dos cadernos deste projeto DC na Sala de Aula, que estreia nesta edição, primeira de 2009. Ficou uma beleza – tão belo quanto as ilustrações feitas por alunos de Taió, Santa Terezinha, Canoinhas e Maíra, publicadas nas páginas seguintes. E não poderia ser diferente, afinal os trabalhos foram inspirados em mestres da literatura e das artes plásticas, como Meyer Filho, Monteiro Lobato, Tarsila do Amaral, Ziraldo e Joan Miró. Além dessas obras de arte e da reportagem sobre a reforma ortográfica, esta edição ainda mostra como a violência está sendo afastada das escolas de Lages, destaca a importância dos Centros de Educação de Jovens e Adultos (Cejas) e a força do tradicional ditado entre as crianças. Boa leitura!

Envie projetos/produções para publicação no caderno DC na Sala de Aula:

- 1- Critérios para envio de produções dos alunos das escolas estaduais às Gerências Regionais de Educação (Gereds):
 - ✓ Enviar em folha A4
 - ✓ Identificar o trabalho no verso
 - ✓ Devem constar nome completo, idade, série, escola e município
 - ✓ O professor deverá enviar, juntamente com as produções dos alunos, um resumo do objetivo do trabalho desenvolvido
 - ✓ As produções devem ser enviadas dentro do prazo estabelecido pelas Gereds
- 2- Critérios para envio de artigos de profissionais de educação para publicação:
 - ✓ Devem ser encaminhados com, no máximo, 2 mil caracteres.
 - ✓ Fontes Times New Roman ou Arial, tamanho 12
 - ✓ Participe você também!
 - ✓ Escolas divulguem seus eventos no nosso mural. Esse espaço foi criado especialmente para vocês.

Próximas edições:

- ✓ 23 de junho
- ✓ 29 de setembro
- ✓ 25 de agosto
- ✓ 1 de dezembro

DIÁRIO CATARINENSE

Diretor-geral e Institucional SC: Marcos Noll Barboza
 Diretor-geral de Produto SC: Cyro Silveira Martins Filho
 Editor-Chefe: Claudio Thomas
 Gerente Comercial: Marcelo Marthá
 Gerente de Operações: Adriano Araldi
 Edição: Eduardo Correia
 Coordenadora do programa: Vanessa Esteves
 Textos do DC: Francine Cadore, Pablo Gomes e Alvarélio Kurossu
 Diagramação: Rafael Rosa
 Fotos: Alvarélio Kurossu e Francine Cadore

Comunique-se com o DC na Sala de Aula:
 Rua: Rua Desembargador Pedro Silva, 2958 - Bairro Itaguaiçu - Florianópolis - SC - CEP: 88.080-701
 Telefone: (48) 3216-3444
 Fax: (48) 3216-3355
 E-mail: nasaladecaula@diario.com.br

Sábias palavras

VELHA PRÁTICA, DITADO UNE-SE EM SALA DE AULA ÀS MODERNAS TECNOLOGIAS

FRANCINE CADORE

Mesmo com a integração de novas tecnologias às salas de aula, métodos tradicionais de aprendizagem se mantêm como ferramentas eficientes de ensino. Filmes e laboratórios multimídia foram incorporados à rotina dos estudantes, mas não substituíram a aplicação de técnicas mais antigas para fortalecer o desenvolvimento dos alunos em relação às palavras. Em tempos de reforma ortográfica, professores de língua portuguesa passaram a valorizar ainda mais a aplicação do ditado nos colégios de Joaçaba, no Meio-Oeste catarinense.



FOTOS FRANCINE CADORE - ESPECIAL

REFORÇO Classificatória para o quadro Soletorando, do programa Caldeirão do Huck, fez os alunos da professora Karin Pastori, na escola Celso Ramos, errarem menos e tornou-os mais concentrados

Na Escola de Educação Básica Irai Zilio, os alunos dos ensinos fundamental e médio estão acostumados à técnica. Nas aulas de língua portuguesa do professor Cláudio Ferreira, o método nunca deixou de ser usado. Para o professor, o ditado é uma das melhores ferramentas de conhecimento da ortografia porque amplia o vocabulário dos alunos e os ensina a escrever corretamente os verbetes.

A aplicação ocorre paralelamente às atividades de leitura e interpretação dos textos, retirados principalmente de jornais. Ferreira seleciona palavras simples e complexas e dita-as, salientando a tonicidade de cada sílaba. Depois, as palavras são corrigidas no quadro para os alunos memorizarem a grafia correta.

– O sotaque regionalizado impõe ainda mais a necessidade do ditado. Quando o aluno escreve “caro”

Os benefícios

- > O ditado faz os alunos prestarem mais atenção ao conteúdo apresentado pelo professor, o que contribui para concentração
- > Quanto mais escrevem determinada palavra, mais facilmente os alunos memorizam a correta grafia do verbete
- > Desenvolve a noção do tempo. As palavras têm de ser escritas em um ritmo ágil
- > O ditado auxilia a coordenação motora, favorece a criatividade e amplia a percepção ortográfica
- > Quando as palavras são extraídas de textos, o ditado colabora para o senso de coesão e coerência

padrão, que sofreu várias transformações com a reforma ortográfica. Distinguir a pronúncia correta exigirá mais dos alunos – observa a professora Ivonete Liles.

No ano passado, a escola Celso Ramos desenvolveu uma seleção interna para competir no Soletorando do programa Caldeirão do Huck, da Rede Globo, e nunca os alunos esti-



APROVADO Colegas de classe na 6ª série, Maria Eduarda (E) e Maiele reconhecem que o método ajuda na assimilação da grafia das palavras



FOTOS ALVARÉLIO KUROSSU

Estudantes estão atrás de uma vida melhor

Gean Antunes Scos, de 35 anos, sofreu para chegar onde está. Com 15 anos, ele estava apenas na 5ª série. Tinha dificuldades de aprendizado. Ciente de que precisava estudar para se dar bem na vida, resolveu procurar o ensino de jovens e adultos, mesmo com os pais tendo condições de pagar uma escola particular.

Gean não ficou constrangido ou envergonhado. Com dedicação e apoio dos pais, concluiu o ensino médio no Ceja de Lages, prestou vestibular e, há seis anos, formou-se como engenheiro sanitarista e ambiental na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Hoje, Gean trabalha como responsável técnico em uma empresa de coleta de lixo e operação de aterros sanitários de Concórdia, no Meio-Oeste, e já acumula mais de 100 Anotações de Responsabilidade Técnica, referentes a obras ou serviços.

O Ceja Jacó Anderle, onde ele estuda, atende 12 municípios e recebe, em média, 3 mil alunos por ano nos ensinos fundamental e médio.

Não há limite de idade, mas a recomendação é que a menor seja 18 anos – abaixo disso apenas para casos em situação de risco e com aval do Conselho Tutelar e do Ministério Público.

Pessoas de todas as classes sociais e pelos mais diferentes objetivos procuram o Ceja. Em comum apenas que, durante a vida, tiveram algum obstáculo que as impediu de continuar no ensino regular.

– São vários as razões que elas procuram o Ceja, mas a grande maioria é por uma pressão da sociedade, e não apenas para chegar à universidade – observa o diretor José Adelar Mello Pereira.



ENGENHEIRO Gean Scos se formou na UFSC e hoje atua em Concórdia

A educação realizadora de sonhos

ESPALHADOS POR 30 CIDADES, CEJAS RESGATAM AUTOESTIMA E CIDADANIA DE JOVENS E ADULTOS DE SANTA CATARINA

Onde frequentar

Os Cejas entraram em atividade em 1992 em Santa Catarina. Para frequentar, é preciso ter mais de 15 anos para o ensino fundamental e 18 anos para o ensino médio. Atualmente, existem 30 Cejas no Estado.

Cidades	Telefone
Araranguá	(48) 3524-6594
Blumenau	(47) 3331-8888
Brusque	(47) 3355-1360
Caçador	(49) 3563-0084
Campos Novos	(49) 3541-2071
Canoinhas	(47) 3622-3479
Chapeco	(49) 3322-3995
Concórdia	(49) 3442-2829
Criciúma	(48) 3045-5068
Curitibanos	(49) 3245-1232
Florianópolis	(48) 3223-5508
Itirama	(47) 3357-3979
Itajaí	(47) 3348-0287
Ituporanga	(47) 3533-1729
Jaraguá do Sul	(47) 3370-0011
Joaçaba	(49) 3521-0471
Joinville	(47) 3423-0661
Lages	(49) 3224-3444
Laguna	(48) 3644-1314
Maíra	(47) 3642-2658
Maravilha	(49) 3664-1775
Palmitos	(49) 3647-1329
Rio do Sul	(47) 3521-2240
São Bento do Sul	(47) 3633-6312
São Joaquim	(49) 3233-2928
São Lourenço do Oeste	(49) 3344-1111
São Miguel do Oeste	(49) 3622-6559
Tubarão	(48) 3626-1022
Videira	(49) 3533-0609
Xanxerê	(49) 3433-2840

PABLO GOMES Lages

Los livros e cadernos e se esforçam ao máximo para obter sucesso. Criado em uma fazenda no interior de Capão Alto, Lourenço não pôde estudar quando criança e adolescente, pois precisava dedicar-se ao trabalho. Quando cresceu, casou e teve cinco filhos, mas não conseguiu uma profissão que lhe pagasse mais que os R\$ 380 líquidos que recebe por mês na prefeitura, justamente por não ter estudado.

Até que a tentativa de realização de um sonho tornou-se uma frustração e, ao mesmo tempo, um alerta e o surgimento de uma nova esperança em sua vida.

No ano passado, Lourenço queria ser vereador em Capão Alto, mas teve a candidatura cassada por ter sido reprovado em um teste escrito aplicado pela Justiça Eleitoral.

– Estudei apenas seis meses durante toda a minha vida, e só para tirar a carteira de motorista. Agora decidi que o meu maior objetivo será estudar, e vou até o fim. Antes, eu não sabia escrever o nome da minha cidade. Hoje já sei, e, em 2012, quero me eleger para ajudá-la.

João Batista também não teve a oportunidade de estudar. Seus pais eram pobres e precisavam da sua ajuda na lavoura o tempo todo. Já adulto, casou, teve um filho e mais recentemente uma neta, mas há três anos ficou viúvo. Até que a sua nora, que precisou estudar por conta do trabalho, o incentivou a entrar no Ceja. João venceu a vergonha e o preconceito, e hoje vê sua vida melhorar.

– Como estou velho, pensei que seria bem pior morrer ignorante. Hoje vivo bem melhor. Tenho um pouco de dificuldade em matemática, mas já escrevo várias palavras. Quero poder ler as cartas da minha netinha, e minha esposa deve estar orgulhosa de mim. Enquanto estiver vivo, eu quero estudar – diz João Batista.

▀ pablo.gomes@diario.com.br

Imaginação em homenagem a Monteiro Lobato

ALUNOS DE MAFRA ELABORARAM ACRÓSTICOS E DESENHARAM OS PERSONAGENS DO GRANDE ESCRITOR

Com o objetivo de homenagear Monteiro Lobato, o escritor que enriqueceu nossa imaginação, curiosidade e prazer pela leitura, as professoras do 1º, 2º, 3º ano do ensino fundamental e 4ª série da Escola de Educação Básica Professor Gustavo Friedrich, de Mafra, no Planalto Norte do Estado, em conjunto com a professora de Arte, desenvolveram acrósticos e e desenhos de personagens criados pelo autor.



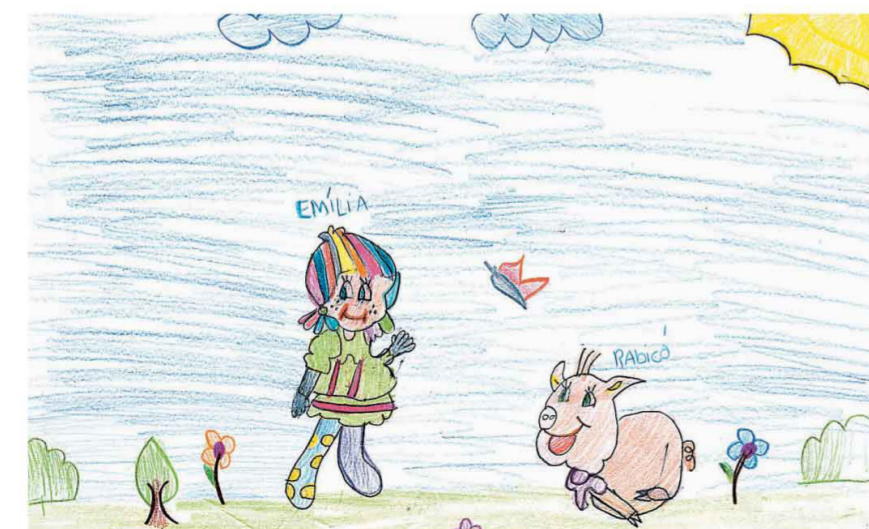
GABRIEL DE LIMA DA COSTA O aluno de 10 anos, da 4ª série, pintou o Pedrinho



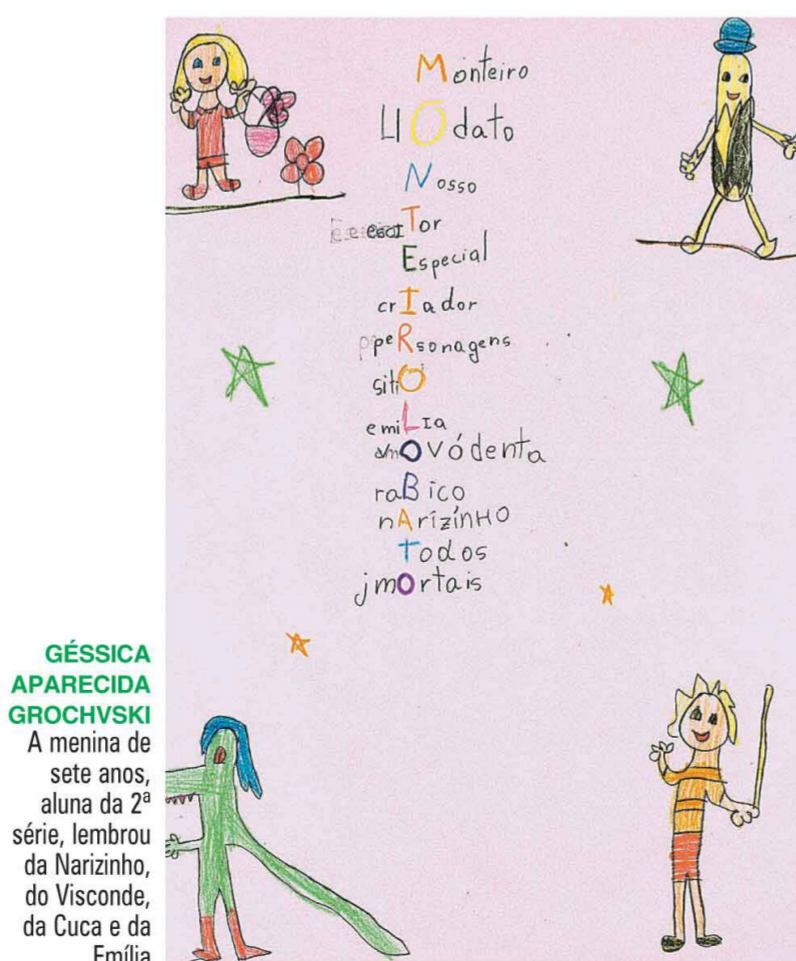
RAFAEL SCHELBAUER Com sete anos e estudante da 2ª série, o menino elaborou um acróstico e desenhou a Cuca, a Narizinho, o Saci e o Pedrinho



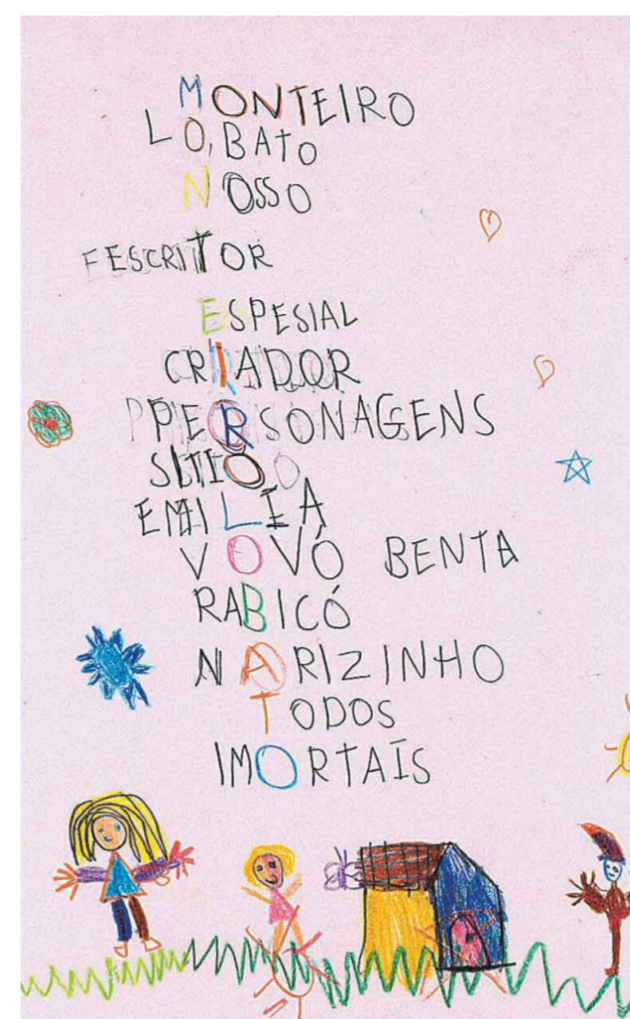
RAFAEL MIRANDA O autor do desenho do feliz Rábicó tem nove anos e estuda na 4ª série



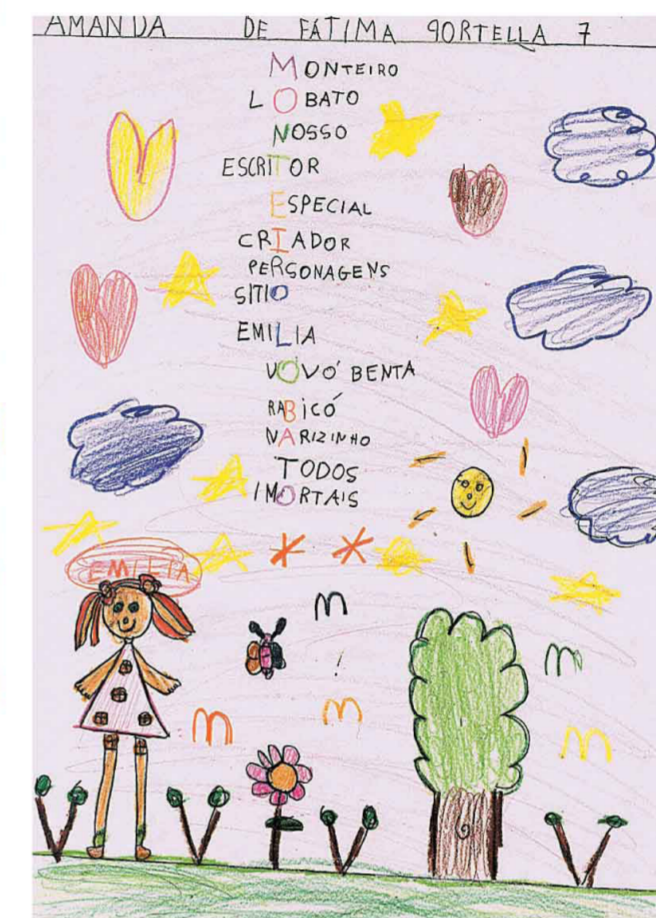
NATASHA BILINSKI A estudante de 10 anos, que está na 4ª série, fez a Emília brincando com o porquinho Rábicó



GÊSSICA APARECIDA GROCHVSKI A menina de sete anos, aluna da 2ª série, lembrou da Narizinho, do Visconde, da Cuca e da Emília



HELEN MARA PETERS A aluna de sete anos está na 2ª série



AMANDA PORTELLA A estudante da 2ª série tem sete anos



CAMILA SCHELBAUER Na 2ª série, ela tem sete anos



THAIS CRISTINA MALON A menina de seis anos está na 2ª série



EDUARDA CRACHINSKI A aluna da 2ª série tem sete anos



GUSTAVO KOMOCHENA Aluno de sete anos está na 2ª série

Reformar é fácil

NOVAS REGRAS DA ORTOGRAFIA MOBILIZAM PROFESSORES E ALUNOS E AVANÇAM NAS ESCOLAS DE SC

Luzerna/Joaçaba/Herval D'Oeste
FRANCINE CADORE

Antes mesmo da reforma ortográfica da língua portuguesa entrar em vigor, em 1º de janeiro deste ano, as novas regras já ocupavam as salas de aula da Escola de Educação Básica Padre Nóbrega, em Luzerna, no Meio-Oeste. As modificações nas grafias das palavras ora estavam transcritas no quadro-negro, ora nas discussões entre professores e alunos.

Assim que o acordo foi acertado pelo bloco de oito nações, iniciaram-se os debates na escola. Além de muitas dúvidas, as discussões geraram polêmica. Alguns alunos discordavam da unificação, outros temiam não conseguir memorizar as normas atuais. Poucos aprovaram a decisão de dinamizar a língua portuguesa. Aproveitando o interesse dos alunos, a professora Madelaine Gasparini propôs um trabalho para inserir na nova ortografia e, sobretudo, para lhes ensinar a valorizar a língua portuguesa. Na tarefa, os alunos deveriam remontar à origem da língua, mostrar a evolução, apresentar peculiaridades e culminar no acordo ortográfico vigente.

Para muitos dos 250 estudantes que participaram da tarefa, os estudos se iniciaram no ano passado. Os que chegaram este ano à escola tiveram de redobrar a dedicação para cumprir o prazo de entrega do trabalho, que se expirou na segunda quinzena de abril.

Foram mais de dois meses em cima do trabalho sobre a língua portuguesa. Agora, os nossos alunos sabem que a língua é a nossa língua e valorizam a importância em conhecer o próprio idioma. Eles descobriram que os acordos fazem parte da dinâmica linguística e estão motivados a memorizar as novas regras da ortografia. A proposta serviu também para quebrar o "medo" que alguns estudantes têm do português – conta Madelaine.

O próximo passo do trabalho na escola Padre Nóbrega será a montagem de um painel itinerante com as normas da ortografia atual. O painel deverá passar de sala em sala para que todos os estudantes possam visualizar e memorizar as modificações.

francine.cadore@diario.com.br



FOTOS FRANCINE CADORE, ESPECIAL

MERGULHO NO PASSADO Professores da escola Padre Nóbrega, em Luzerna, envolveram os alunos em uma viagem pelo tempo, da origem da língua até as recentes modificações

As mudanças

> **Acento agudo** – Foi eliminado nos ditongos abertos "ei" e "oi" de paroxítonas, como "assembleia" e "heroico".

> **Trema** – Foi extinto. Exemplos: "linguística", "aguentar", "frequência".

> **Circunflexo** – Foi suprimido nas formas verbais "creem", "leem", "deem", "veem" e seus derivados. Também eliminado em casos de duplo "o": "voo", "enjoo", "abençoo".

> **Hifen** – Não se emprega quando o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por "r" ou "s", devendo essa consoante ser duplicada. Palavras como "anti-religioso" e "anti-semita" ficam "antirreligioso" e "antisemita". Em formações com os prefixos acentuados "pós", "pré" e "pró", quando o segundo elemento tem vida à parte, mantém-se o hífen, como "pré-requisito".

> **Consoantes** – Os portugueses passarão a escrever como os brasileiros, retirando consoantes não pronunciadas em palavras

como "adoptados" (ficará "adotados")

> **Acento diferencial** – Passou a ser facultativo em "forma" (substantivo e verbo) e "fôrma" (substantivo). Foi eliminado em palavras homógrafas. Ficaram sem acento "para" (verbo) e "para" (preposição). Também desapareceu em "pela", "pelo" e "polo". A exceção foi a manutenção do diferencial entre "pôde" e "pode".

> **Alfabeto** – Aumentou para 26 letras, com a incorporação de "K", "W" e "Y".

> **Vogais tônicas** – Não levam acento agudo as tônicas "i" e "u" das paroxítonas precedidas de ditongo. Passou-se a escrever "feitura". Não leva acento agudo o "u" tônico de formas rizotônicas dos verbos "arguir" e "redarguir": "arguis", "argui", "redarguis" e "redargui".

> **Dupla grafia** – Facultativamente, o acordo autoriza a dupla grafia para fazer diferenciação: "louvámos" (passado) em oposição a "louvamos" (presente)

Uma volta ao mundo sem sair da sala

Os alunos da 4ª série da Escola de Educação Básica Professora Dulce Fernandes de Queiroz, em Joaçaba, deram uma volta ao mundo para aprender as novas regras da ortografia. A professora Teresinha de Carvalho levou o mapa-múndi à sala de aula. Os alunos conheceram o bloco lusófono, o conjunto dos países que adotou as regras, aprenderam peculiaridades das nações e fizeram um levantamento histórico desde o descobrimento até hoje.

– Aproveitei que ensino todas as disciplinas e reuni os conhecimentos de história, geografia e português. Relacionei com a chegada das caravelas, colonização e terminamos com a sanção do acordo pelo presidente Lula. A exemplo da reforma, unificamos o conhecimento.

Outra técnica utilizada foi a história em quadrinhos. Os alunos receberam cópias de quadrinhos divulgados em jornais e discutiram as novas regras. O conteúdo ficou

Cerca de 500 docentes da rede pública do Meio-Oeste participaram de curso de atualização no começo do mês

leve e bem-humorado. A julgar pelo empenho da turma, as estratégias de aprendizado deram certo.

O estudante Vinicius Jungles Rabelo, nove anos, contou que, além de estudar mais, tem outra estratégia para memorizar melhor as palavras: assiste ao programa do Luciano Huck e garante que sabe soletrar as palavras sorteadas durante o quadro televisivo.



PELO MUNDO Professora Teresinha de Carvalho, da escola Professora Dulce de Queiroz, levou o mapa-múndi para a sala para facilitar o entendimento do conteúdo pelas crianças

Quem levar a sério, aprende em pouco tempo

Entre os professores de língua portuguesa é consenso que a reforma exigirá ainda mais dos profissionais da área. Eles serão os disseminadores das novas regras para os estudantes e, por isso, é redobrada a atenção para não cometerem os antigos vícios de linguagem.

O prazo para a adoção da nova ortografia se estende até 2012, mas, devagar, os professores incorporam a nova escrita às salas de aula. Pelos próximos três anos, as normas atuais não serão cobradas em vestibulares e concursos públicos. Até lá, professores e estudantes dividem o aprendizado e algumas dúvidas.

– Estamos aprendendo junto com os alunos. Precisamos ficar atentos ao que escrevemos em função dos antigos hábitos de escrita. Os hábitos, além de estarem na ponta do dedo, estão gravados na mente – brinca a professora Fátima Pincegher, da escola Dulce Fernandes de Queiroz.

A tradicional metodologia de ensino tem ficado de lado. Os livros didáticos atualizados ainda não chegaram, e os antigos não cumprem a regra atual. Os professores têm trabalhado com textos retirados de jornais, revistas e internet para dar suporte ao ensino da nova ortografia. Nas escolas que têm o sistema linux, com corretor ortográfico atualizado nos laboratórios de informática, os

O momento é de adaptação às novas regras. Por isso, não são descontados pontos em provas e trabalhos

alunos utilizam os computadores.

Nas séries iniciais, os professores colaram cartazes nas paredes para os alunos memorizarem as palavras corretas. Nas salas de professores, folhas também foram coladas às paredes e guias de bolso foram adotados para sanar as principais dúvidas.

– As crianças das séries iniciais estão assimilando muito bem porque ainda não foram totalmente alfabetizadas. As dificuldades ocorrem na assimilação entre os maiores e nós, professores – comparou a professora Jani Marce da Silva, da Escola de Educação Básica Professor Odilon Fernandes, de Herval D'Oeste.

– Quem levar a sério, vai absorver as mudanças em pouco tempo – aposta a professora Karin Memoncin Pastori.

Mudar por quê?

De um lado, os defensores da mudança. De outro, os conservadores queriam a manutenção das antigas normas.

Quando o assunto é ortografia, a polêmica está garantida. Os estudantes têm opiniões bem claras sobre a adoção da reforma ortográfica.

A estudante Diellen Thaís Lamb, 14 anos, lembra que as modificações afetaram cerca de 0,5% das palavras adotadas no Brasil. O índice, apesar de parecer pequeno, acarretará em mudanças drásticas:

– Quando se fala em número, parece que a reforma não vai mudar quase nada. Mas quando se pensa nas milhares de toneladas de livros didáticos que foram jogados fora porque estavam

desatualizados, se tem uma dimensão da importância – observa.

A estudante Tayla Regina de Bairro, 14 anos, acredita que mudanças são bem-vindas ao idioma para oxigená-lo e deixá-lo mais dinâmico. No trabalho que fez sobre a origem da língua portuguesa, ela descobriu que os acordos ortográficos são comuns na utilização do português.

– Todas as línguas evoluem, por que iríamos ficar para trás? Só tenho de estudar mais para saber escrever conforme o acordo – diz. Para Murilo Carrion, 14 anos, a reforma foi uma tentativa de tornar o português um dos idiomas oficiais da Organização das Nações Unidas (ONU). Ele torce para que isso aconteça.

teça.

Já para os colegas Igor do Espírito Santo, de 16 anos, e Andressa Carine Pereira, de 15, a reforma ortográfica será uma completa confusão para aqueles que resistirem às novas regras. Eles acreditam que o acordo poderá gerar ainda mais dúvidas na grafia das palavras.

Para dominarem as novas regras, prestam atenção às aulas de português, comparam textos atualizados com antigos e aproveitam as horas de folga para memorizar os itens.

– Se não estudarmos, escrever certo vai ser ainda mais difícil do que antes. Mas, se formos para Moçambique ou Angola, teremos mais facilidade para nos comunicarmos com os nativos já que todos devem escrever da mesma maneira agora – comenta Igor.

Andressa resumiu: – Não adianta. Temos que nos reeducar.

“Estamos aprendendo junto com os alunos. Precisamos ficar atentos ao que escrevemos”
Professora Fátima Pincegher



NOVA GERAÇÃO Crianças das séries iniciais da escola Odilon Fernandes estão assimilando melhor as mudanças ortográficas que os mais avançados, alfabetizados pela antigas regras



Meyer Filho inspira estudantes

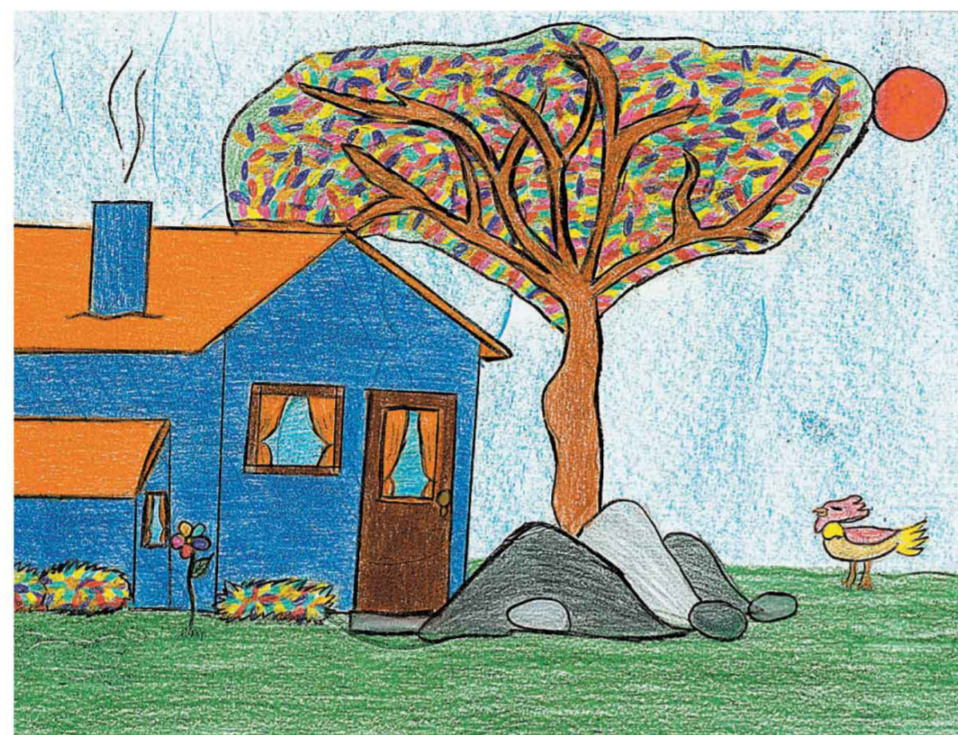
TRAJETÓRIA DE ARTISTA CATARINENSE FEZ ALUNOS DE ESCOLA DE CANOINHAS SOLTAREM A IMAGINAÇÃO

Com o objetivo de conhecer as mais importantes obras, estudar a diversidade de manifestações e a vida do pintor catarinense Ernesto Meyer Filho, estudantes de artes da Escola de Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus, do município de Canoinhas, no Planalto Norte do Estado, desenvolveram o conteúdo proposto com uma série de atividades organizadas em sala de aula.

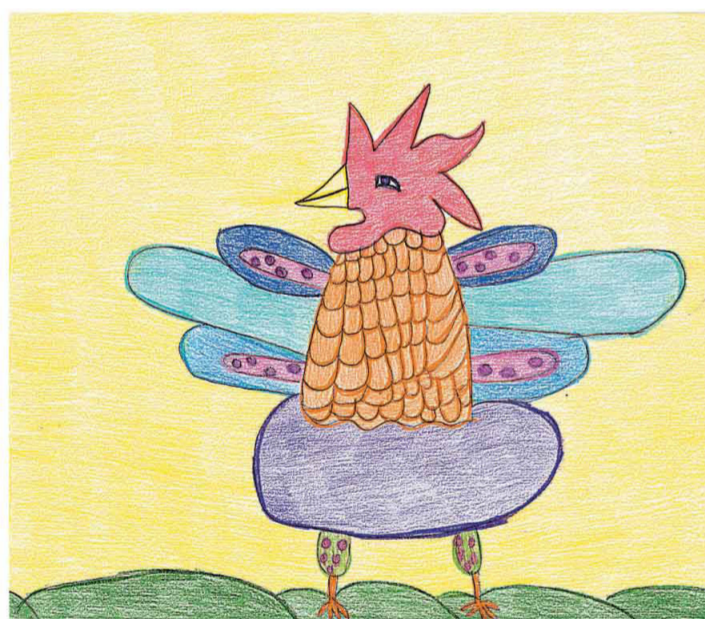
Sob a orientação das professoras Maria de Fátima Neizer dos Santos e Ilvane Kuchler Caetano, alunos da 1ª a 8ª série soltaram a imaginação. Com muita criatividade e através das mais diferentes formas de manifestação, eles desenharam, colaram e pintaram o sete, o galo, as árvores, as paisagens e os seres fantásticos saídos da mente criativa de Meyer Filho.



JOÃO MARCOLIN O aluno da 6ª série tem 11 anos



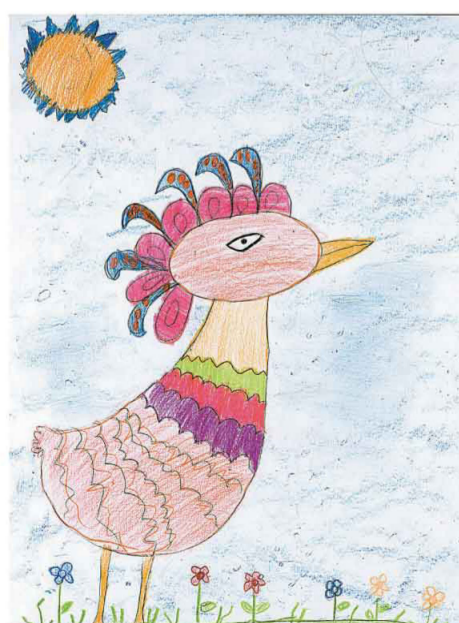
RAFAEL JOSÉ PIVETTA Aluno da 6ª série, nasceu dia 19 de fevereiro de 1997 e tem 12 anos



ANA PAULA GREIM ALVES A menina tem oito anos e está na 3ª série



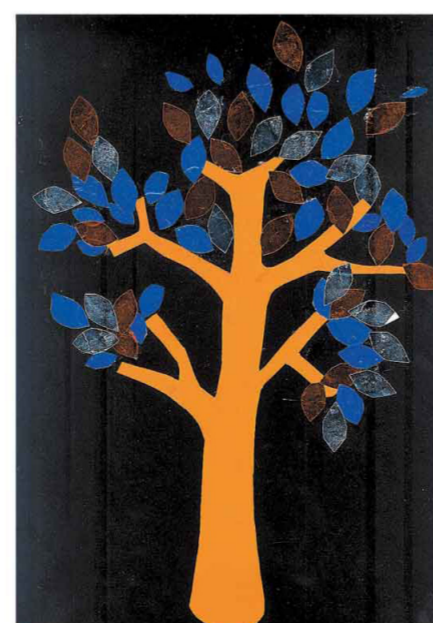
AMANDA EMILY ARNOLD A garota de 11 anos de idade estuda na 6ª série



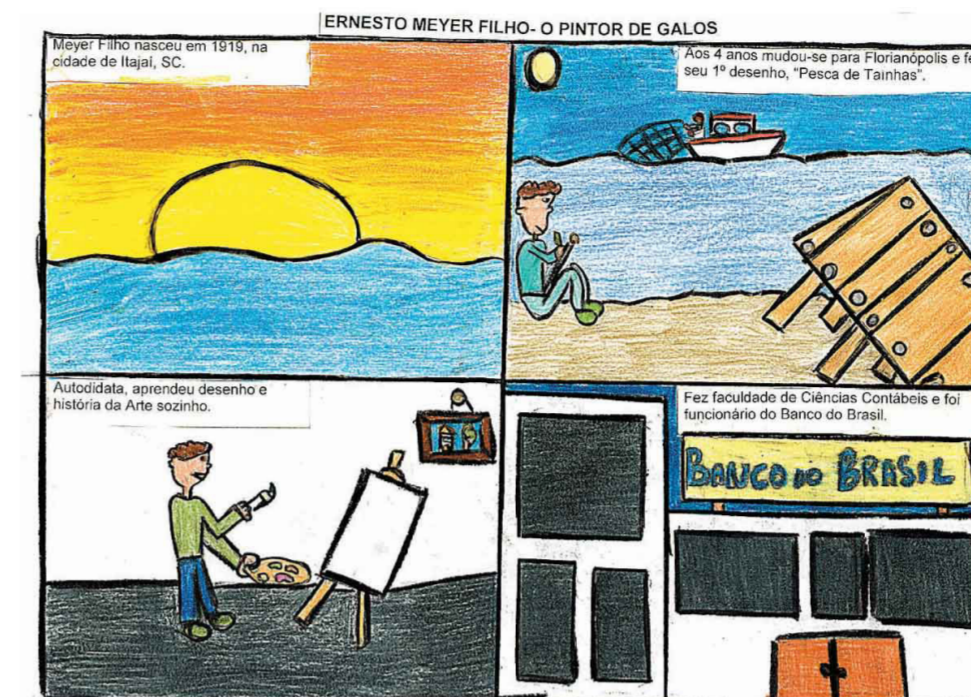
MARINA STRINGARI 2ª série, sete anos



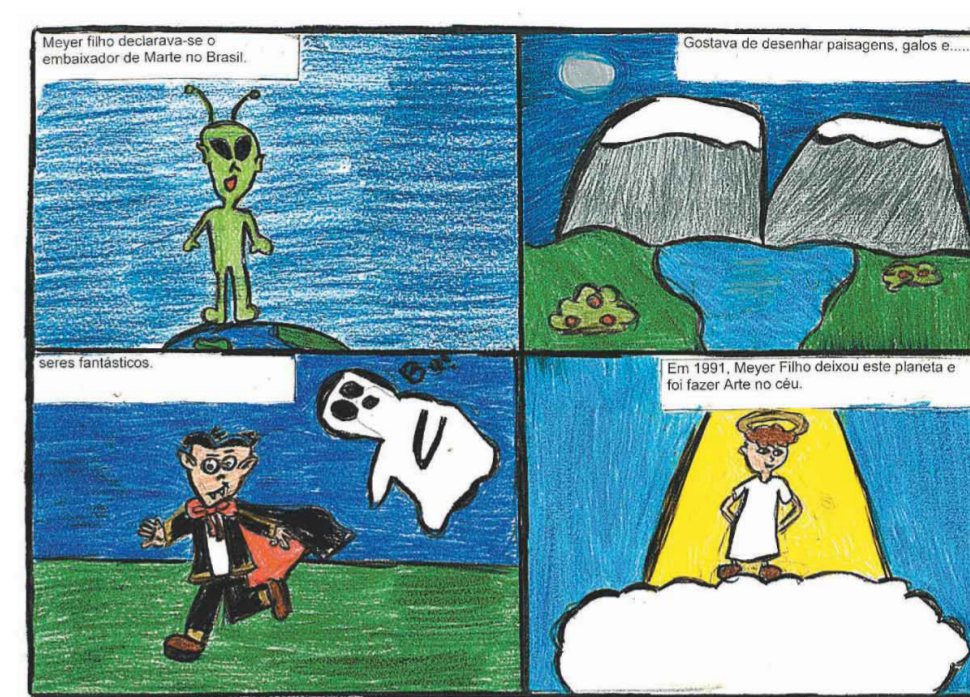
JULIA SCHUMACHER SOBCZACK A estudante da 2ª série tem oito anos de idade



GUSTAVO SCHUTT 6ª série, 11 anos



BEATRIZ STAFFEN Aluna de 10 anos e na 5ª série, contou a vida de Meyer Filho em duas partes



BEATRIZ STAFFEN Ela destacou nascimento, primeiras obras, Marte, temas e a morte de Meyer



JAQUELINE CORNELSEN Aos 11 anos, está na 6ª série



RAFAEL PIVETTA Ele tem 12 anos e estuda na 6ª série



BERENICE DA SILVA A aluna da 6ª série está com 13 anos



JOSÉ VITOR KRYSYCYK O menino da 8ª série tem 13 anos de idade



LETÍCIA MORESCHI PADILHA A autora do trabalho estuda na 8ª série e tem 13 anos

Temas de Meyer Filho encantam crianças

AVES DO ARTISTA CONQUISTAM ALUNOS DE SANTA TEREZINHA

As cores de Ernesto Meyer Filho foram o tema do trabalho desenvolvido pela professora Emília Janning Schorener com os alunos da 4ª série da Escola de Educação Básica Padre João Kominek, em Santa Terezinha, no Alto Vale do Itajaí. Depois de um estudo com dife-

rentes artistas catarinenses, os estudantes se encantaram com os trabalhos de Meyer Filho. A paixão do artista por galos e pássaros, aves que integram o cotidiano das crianças, fez com que elas se identificassem com as obras. E foi inspirado nos trabalhos de Meyer Filho que os alunos também produziram suas pinturas multicoloridas.



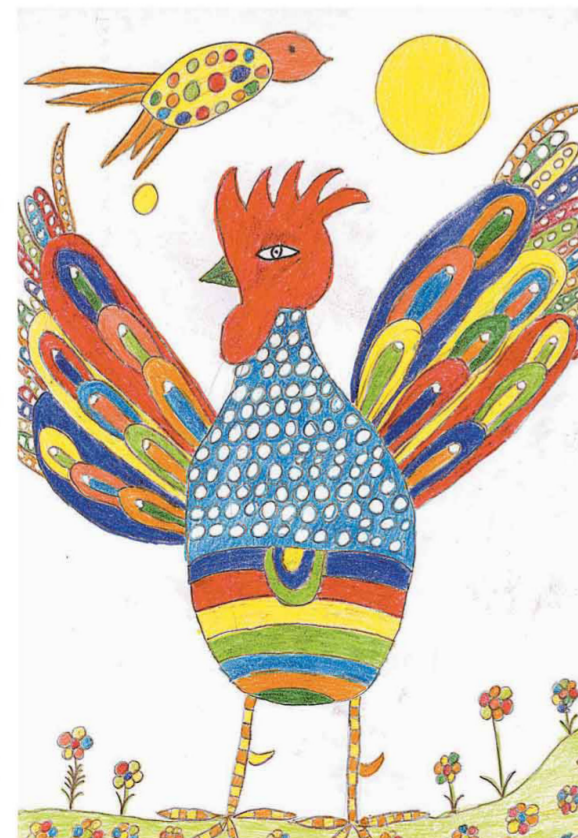
RENATO JUNIOR DOS SANTOS Galo e pássaro



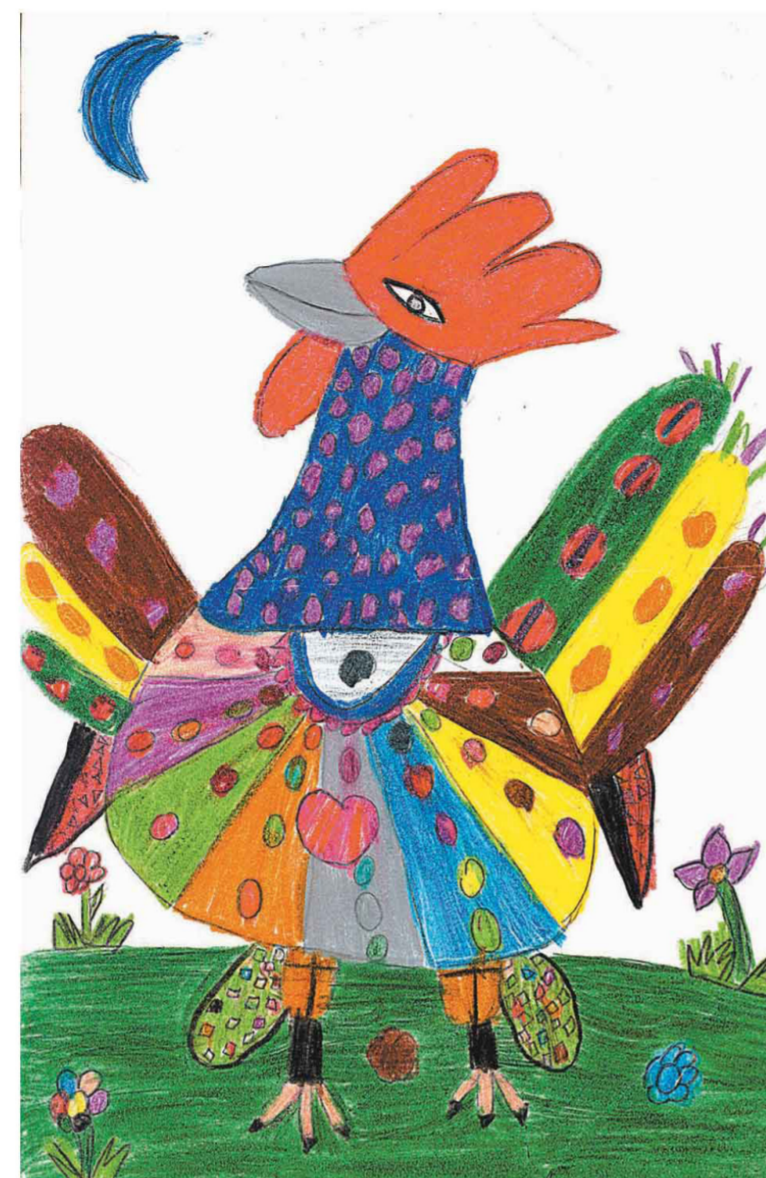
THALIA BURDZINSK No campo, a ave sobre um galho



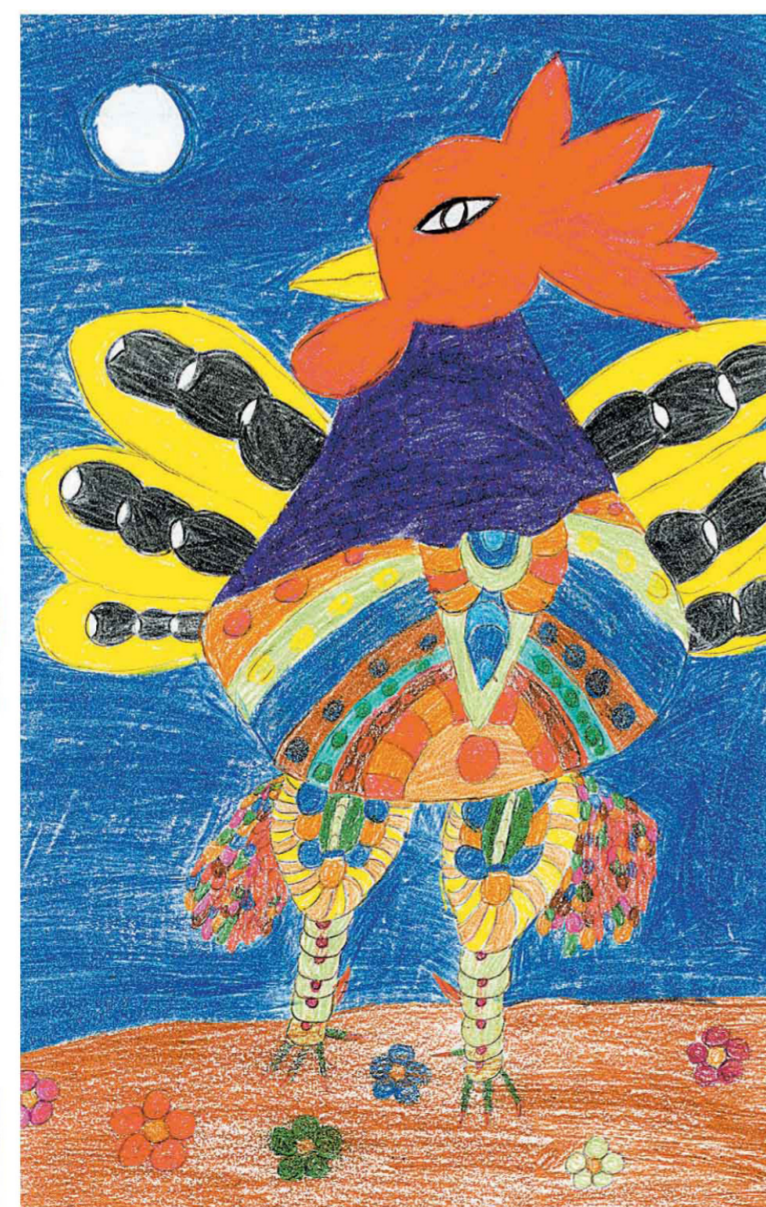
IGOR SCHADECK O menino fez um galo imponente



TAINÁ SAVITSKI O sol iluminou o galo pintado pela aluna



MAROLI DO NASCIMENTO A autora do trabalho pintou uma sorridente ave



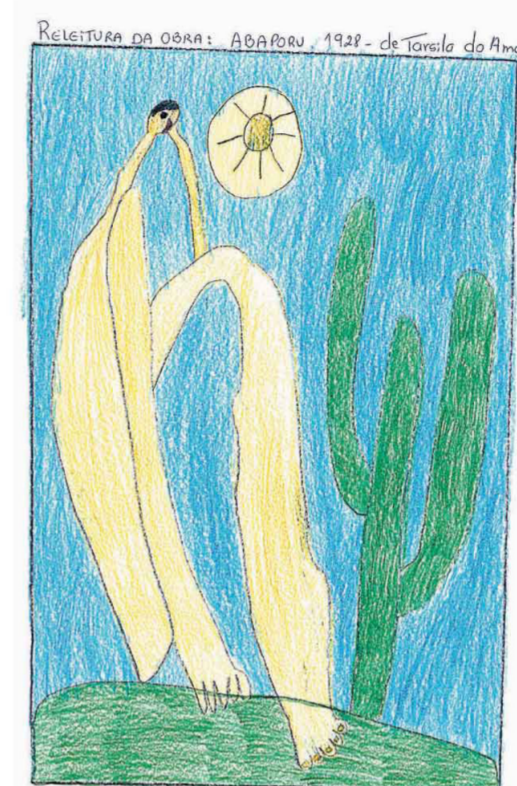
FLÁVIA MARA FELIPE A garota desenhou um galo multicolorido à noite

Talento revelado em sala de aula

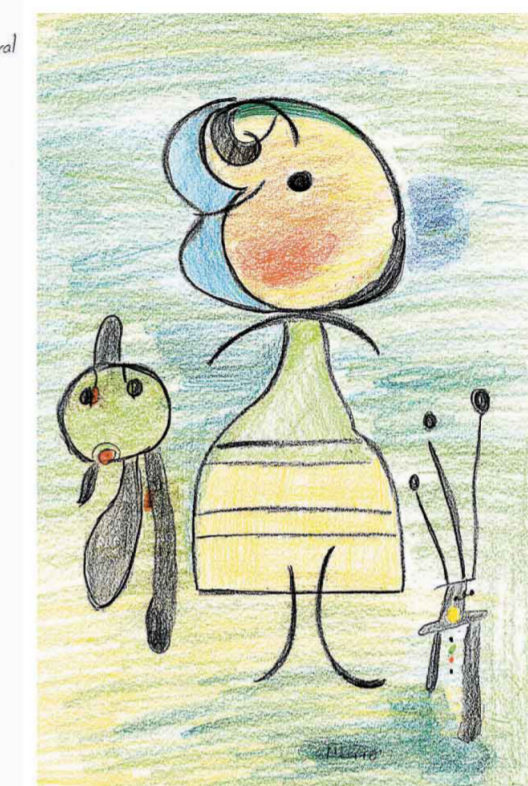
ALUNOS DA 4ª SÉRIE DE ESCOLA DE TAIÓ FIZERAM RELEITURA DE OBRAS DE GRANDES ARTISTAS PLÁSTICOS

A professora Adeli Tereziña Gadotti Sophiati lançou o desafio: "Trabalhar com arte fazendo arte é o máximo". Com este estímulo e após conhecer a biografia de artistas plásticos renomados, como Tarsila do Amaral, Joan Miró e Ziraldo, os alunos da 4ª série da Escola de Educação Básica Leopoldo Jacobsen, em Taió, no Alto Vale do Itajaí, colocaram a mão na massa, no lápis e no papel e, com muita criatividade, revelaram talento artístico e tendências para este ou aquele pintor, escritor ou escultor. Despertar a arte e a criatividade tornou-se um exercício prazeroso, tanto para o professor quanto para o aluno, relatou a professora Adeli.

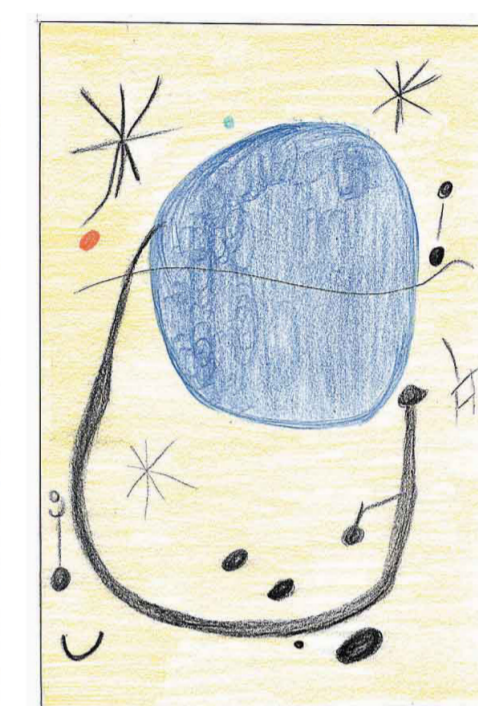
– Fazer e trabalhar com arte é observar as relações entre a arte e a realidade. É refletir, investigar e indagar com interesse e curiosidade, além de exercitar a discussão e a sensibilidade presente em cada um de nós – destacou a professora.



LEANDRO ZANGHELI Tarsila do Amaral



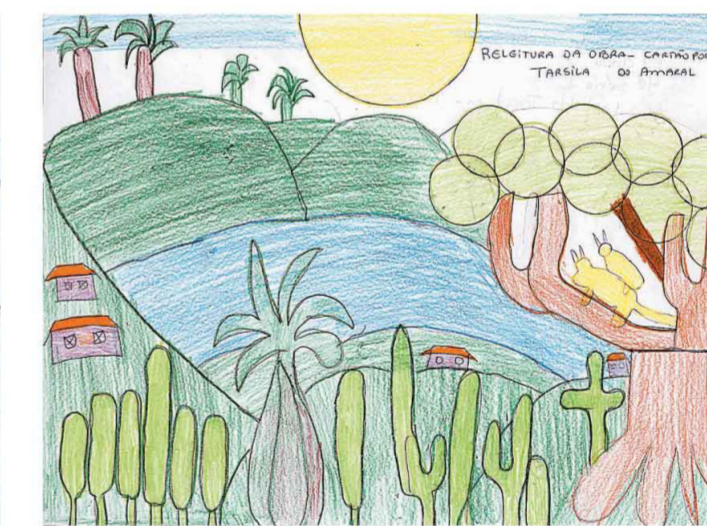
ALÍRIO ODORIZZI JÚNIOR Joan Miró



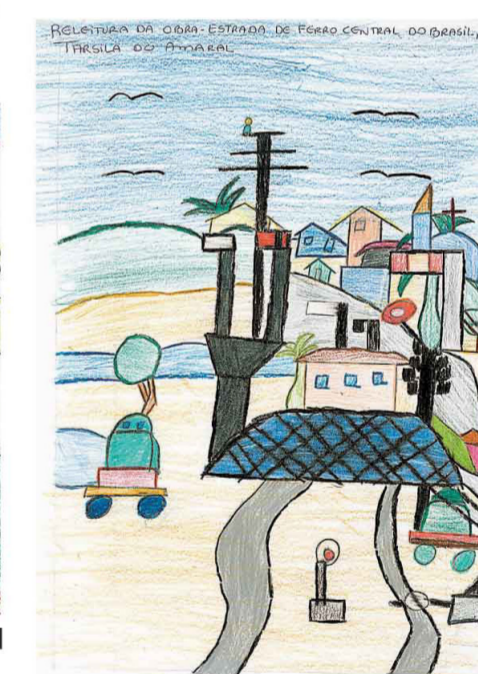
ALÍRIO ODORIZZI JÚNIOR Joan Miró



PAULA EDUARDA KRAEMER O Pescador, de Tarsila do Amaral



NATÁ ADRIEL BERCKENBROCK Cartão-Postal, de Tarsila do Amaral



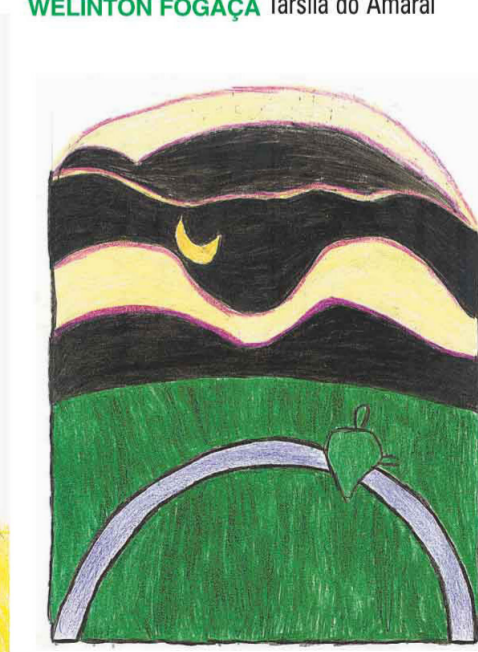
WELINTON FOGAÇA Tarsila do Amaral



TATIANA CARÍLIA O Ovo, de Tarsila do Amaral



GABRIELE MORAES A menina de 10 anos reproduziu O Menino Maluquinho, imortal personagem do cartunista Ziraldo



PAULO DA SILVA A Lua, de Tarsila do Amaral



FOTOS ALVARÉLIO KUROSSU

CABEÇA LEGAL
Alunos permanecem das 7h30min às 16h na escola Frei Nicodemos, onde as refeições e têm, entre outras, aulas de xadrez

Ocorrências diminuem com a união de esforços

Na Escola de Educação Básica Francisco Manfrói, no Bairro Santa Mônica, em Lages, quando a diretora Terezinha Ortiz, assumiu em 2007, a situação era mais calma, mas problemas de pequenos atos de violência, como brigas e discussões, já existiam.

Hoje, todos os incidentes menores são anotados em fichas que ficam separadas, e a diretora chama os pais do aluno para conversar sobre as brigas.

– A participação dos pais na escola é fundamental para acabar com a violência – destaca a diretora.

Além dessa medida, outras foram essenciais para a diminuição da violência, como a reativação do grêmio estudantil e a parceria com o Conselho Tutelar, que pode ser acionado pela direção caso um aluno falte até sete dias seguidos no mês ou quando são percebidos sinais de violência doméstica.

Outras parcerias mantidas pelas instituições de ensino são com a polícia comunitária, associações de moradores, igreja e postos de saúde.

Outra prática comungada por professores e dirigentes para manter a violência distante das escolas é a confiança recíproca: confiar e apostar nas crianças para receber e ter os mesmos sentimentos.

– Jovens acreditam nos adultos – lembra a diretora.

Por isso, todas as atividades desenvolvidas na escola têm o comprometimento dos envolvidos. Um exemplo é a professora de dança Alexandra Aparecida Lima, que há três anos ensina coreografias aos alunos.

Uma menina em especial chamou a atenção da professora. Natiele Antunes, 13 anos, gostava de ir às aulas para ficar tirando sarro das colegas. Isto até o momento em que a professora falou que ela era capaz de dançar como qualquer uma delas.

– Acreditei na Natiele e deu certo – comemora a professora.

Contra a violência

ESCOLAS DE LAGES APOSTAM EM SÉRIE DE ATIVIDADES PARA A PAZ PREDOMINAR

Lages

ALVARÉLIO KUROSSU

Em 1994, um pequeno grupo de alunos causou um incêndio na Escola Estadual de Educação Básica Frei Nicodemos, localizada no Bairro Petrópolis, em Lages, na Serra Catarinense. Este foi um dos muitos incidentes que os estudantes provocavam quase diariamente na escola.

Marilu Maldaner, 52 anos, diretora

da escola, que trabalha na instituição desde 1987, lembra que aquela foi uma época difícil de controlar os alunos.

– Apagávamos um incêndio por dia – diz a diretora, ao lembrar que, naquele período, os alunos brigavam por qualquer motivo.

Depois de várias reuniões com os pais, professores e comunidade, a escola implantou o período integral. Segundo Marilu, o índice de violência caiu consideravelmente e, hoje em dia, é muito raro algum confronto

entre os alunos.

As crianças ficam na escola das 7h30min às 16h. Neste período, os alunos recebem três refeições e participam de aulas de inglês, xadrez, literatura, informática, turismo e história de Lages, além de oficinas de música, teatro e artesanato. Jordi de Liz, 11 anos, aproveitou muito bem as oficinas. Já fez um helicóptero no qual as hélices movimentam-se, um carro que anda sozinho e um barco.

– Gosto de fazer brinquedos e os professores me ajudam – conta Jordi.

O Proerd surgiu inspirado em um programa dos Estados Unidos criado para atuar na prevenção ao uso de drogas

Proerd ajuda alunos e pais

O policial militar Nazareno de Oliveira, 44 anos, há nove anos como instrutor do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd) entra na sala de aula da Escola de Educação Básica Francisco Manfrói para mais uma aula de cidadania.

Os alunos escutam atentos à animada aula do policial, que esclarece dúvidas e ensina aos alunos como ficar longe das drogas.

– A maioria dos atos de violência está relacionada a drogas – explica o policial.

Mas quando perguntado qual

foi a maior alegria neste período, que orienta as crianças, Nazareno respondeu emocionado.

– Foi um dia que os pais de um aluno vieram me agradecer, chorando, que, por causa da insistência do filho, eles largaram as drogas – completa.

Inspirado em um programa criado em 1983 nos Estados Unidos, o Proerd chegou ao Brasil em 1992, através da Polícia Militar de São Paulo. Sustentado pelo triângulo polícia/família/escola, no primeiro semestre de 1998, o Proerd chegou a Santa Catarina.

DIÁLOGO

Há nove anos como instrutor do Proerd, o policial militar Nazareno de Oliveira vai às escolas conversar e tirar dúvidas de crianças e adolescentes

